

A FILOSOFIA DE JÜRGEN HABERMAS

Ernilo Stein*

Até o final do século 18, podemos observar de maneira geral uma espécie de posição do indivíduo contra a sociedade. Assim, a sociedade se protegia do indivíduo através de processos de controle autoritário. Na medida em que no século 19 foram sendo estabelecidos direitos civis, o cenário foi-se modificando em direção de uma afirmação do indivíduo contra o qual parecia desenvolver-se um processo do surgimento dos fenômenos da urbanização, da industrialização e da massificação. É então que o espaço público que antes era ritualmente fixado pelas elites passa a tomar uma forma em que predomina um certo jogo das liberdades individuais. Mas foi somente no fim do século 19, que a conquista desse espaço público tomou formas através das quais se fazia a luta pela afirmação e oposição de dois cenários de inserção do indivíduo: o espaço público burguês e o espaço público proletário. O marxismo contribuiu fortemente para que nesses cenários passasse a ser vista uma luta pela hegemonia entre o capital e o trabalho. No entanto, ao tomar forma concreta no século 20, a chamada revolução proletária, o cenário se modificou, dividindo os atores da civilização ocidental entre capitalismo e socialismo, onde passaram a entrar em conflito real duas concepções de espaço público que modificaram a relação entre espaço público burguês e espaço público proletário. Com o fim do socialismo, a luta pelo espaço público do cidadão e do indivíduo humano diminuiu sua forma agônica, passando a globalizar-se a busca do espaço civil para o desenvolvimento e a defesa do indivíduo. Estamos ainda na busca de novas estruturas conceituais para definir, para além do contexto da bipolarização, formas universais de realização das liberdades individuais. É nessa tarefa que filósofos, teóricos da cultura, estudiosos da sociedade e pesquisadores da antropologia e da psicologia, começam a trabalhar num processo de convergência e multidisciplinar. Somente assim parece que poderemos dar conta das três dimensões em que se articula a forma de emergência do indivíduo no contexto das sociedades complexas contemporâneas: a cultura, a sociedade e a personalidade.

* Professor de Filosofia da PUCRS.

Jürgen Habermas aparece nesse panorama como o pensador dominante com sua teoria do agir comunicativo. Sua intenção é encontrar, para além das estruturas de organização do estado democrático e liberal, salvaguardas para a proteção do indivíduo no contexto dos conflitos sociais. É em busca dessas salvaguardas que se estruturou a sua grande obra durante os últimos 50 anos do século 20. É por isso que o filósofo e teórico social alcançou uma reputação que ultrapassou as fronteiras nacionais e se tornou o mestre na discussão das teorias sociais que pretendem lançar os fundamentos de uma compreensão global da sobrevivência do ser humano na sociedade. A teoria do agir comunicativo pretende, na palavra do próprio Habermas, “apropriar-se das melhores tradições e trabalhá-las” para conseguir a vitória de uma determinada posição como teoria social “de um paradigma de sociedade enraizado na autocompreensão coletiva”.

A estratégia que o filósofo utiliza para a realização de sua teoria social é desenvolver aspectos preexistentes em autores, até levá-los a uma situação dilemática, aporética, insuficiente, para, então, nesse ponto, engatar uma outra teoria que por sua vez é submetida ao mesmo processo, para, então, tornar-se a base para uma nova etapa com outra teoria. Dessa maneira, a teoria do agir comunicativo pode assumir duas dimensões: ela avalia autores centrais para uma teoria social e ao mesmo tempo introduz elementos reflexivos novos do próprio autor. Habermas garante assim “o caráter aberto e a capacidade de engate das diversas teorias sociais entre si para levarem a um conjunto de princípios relevantes do ponto de vista teórico-social”. A fecundidade desse trabalho de montagem de peças de um *puzzle* consistirá numa espécie de articulação continuada de pesquisas nas ciências sociais e na filosofia. Assim, o filósofo foi construindo, ao longo de sua obra, um conjunto de princípios, teoremas, instrumentos e censores para o diagnóstico da modernidade ou para o diagnóstico das patologias sociais. Somente através desse diagnóstico seria possível uma espécie de caminho para uma interpretação positiva dos recursos necessários para uma leitura positiva dos sinais que levam a sociedade a uma realização que a torne viável e a converta no lugar de afirmação das liberdades individuais e da subsistência do indivíduo no mundo da vida preservado.

A grandeza de Habermas e a complexidade de seu pensamento se situam basicamente nesse projeto que, ao mesmo tempo em que realiza as tarefas da razão na estruturação de uma teoria social global, mas aberta, guarda em si o dispositivo de uma constante autocrítica. É assim que Habermas retoma elementos centrais da tradição da Escola de Frankfurt, dando-lhes, no entanto, uma operacionalidade que não renuncia nem à eficácia no diagnóstico, nem ao sucesso na transformação, nem à vigilância das etapas pela constante revisão através da autocrítica. Existe uma frase de Habermas bem reveladora quanto a isso: “As feridas que a razão produz somente podem ser superadas através da própria razão”.

Se fôssemos observar o lugar que Habermas ocupa no exame das três dimensões que constituem o todo da teoria social (cultura, sociedade e personalidade), poderíamos dizer que Habermas se situa no centro do conceito de sociedade. Existem outros autores que, para estudar as teorias sociais, se concentram mais no problema da cultura e outros nas questões da formação da identidade pela socialização. A essas questões Habermas também dedica livros inteiros, mas todos eles constituem apenas etapas de preparação para a articulação da teoria do agir comunicativo. Dessa maneira, Habermas se tornou o príncipe entre os teóricos sociais, porque não é apenas isso, mas também filósofo. E contudo o seu investimento se concentra na leitura das patologias sociais da modernidade e nos possíveis remédios que já acompanham o próprio diagnóstico. Mas todo o projeto habermasiano se recusa a um fechamento, a uma completude ou a uma espécie de ponto de chegada. É por isso que se pode observar, na sua obra, uma voracidade intelectual não apenas na apropriação de teóricos como Max Weber, Lúkacs, George Mead, Adorno, Parsons e outros, mas na perseguição dos últimos avanços que as melhores cabeças filosóficas realizam no campo das teorias da pragmática, da ética, da filosofia política e das teorias ligadas ao conhecimento e à linguagem. Em tudo isso, Habermas procura explorar o movimento da razão e da racionalidade.

Temos, assim, no autor que acaba de receber o prêmio da Paz na Feira Internacional do Livro em Frankfurt, um autor que conseguiu, de uma maneira exuberante e incontestável, se situar para além de um pensamento bipolar, cujo caráter arcaico se revela na fragilidade que representa como instrumento de diagnóstico das patologias contemporâneas. É assim que todo o debate ideológico é deslocado para o campo de discussão da racionalidade. De fato, Habermas baseia boa parte de sua teoria do agir comunicativo na distinção entre racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa. É ao nível dessa distinção que retornam com nova força e poder de leitura mais competente a questão da alienação e a questão da realização no diálogo. De modo algum Habermas ignora a complexidade das relações entre sistema e mundo vivido e os riscos que o ser humano corre nesse vertiginoso processo desencadeado pela instrumentalização, monetarização e colonização do cotidiano. Mas o autor aponta para além, para um movimento em que esses fatores do conflito entre sistema e mundo vivido irão tomar formas na estruturação da sociedade através do direito e do estado. Seus últimos livros são justamente uma tentativa de pensar novas formas de realização democrática num mundo globalizado, em que formas pós-nacionais de convívio devem preservar elementos nucleares de um estado democrático que deve ser preservado nessa espécie de movimento de homogeneização global.

Na preocupação pelo futuro da moderna racionalidade em meio aos conflitos locais, regionais, nacionais e internacionais, Habermas não se torna um alarmista ou um anunciador de aporias sem saída. O paciente trabalho da razão lhe

permite um arrojo na ordenação de um pensamento que seja capaz de enfrentar as ameaças da fragilidade universal através de instrumentos transitórios da comunicação frágil, a única a poder fazer frente à situação.

Habermas como o verdadeiro iluminista, sempre crítico e atento diante dos desvios totalitários da razão, de modo algum pode ser considerado uma espécie de estudioso de situações passadas e que, portanto, ele mesmo poderia ser catalogado como historicamente superado. Pelo contrário, a maneira de esse filósofo pensar a teoria junto com a solicitude pela situação do mundo faz dele um constante companheiro no enfrentamento com as crises, os conflitos e a busca de solução no começo do novo milênio. É essa atualidade que se tornou uma qualidade de sua obra que faz com que ele seja escutado em universidades européias, americanas, chinesas e japonesas, após sua aposentadoria. Em todos os lugares por onde tem passado, a sua obra já o antecederia, mas as multidões universitárias estavam sedentas para perguntá-lo sobre suas interpretações dos grandes acontecimentos do mundo e sobre possíveis soluções que um teórico social e um estudioso dos conflitos entre indivíduo e sistema poderia apresentar.

Temos em Habermas a nova forma do filósofo social e do teórico da sociedade que procura por soluções na teoria e na prática, como um verdadeiro pensador que se tornou ator nos palcos do mundo intelectual contra sua vontade. Mas ele consegue, com a gigantesca obra produzida, desviar com sucesso as atenções de si para a urgente tarefa de encontrarmos respostas para as perplexidades do mundo e soluções para o convívio humano em sociedade.